

Irã: mulher, vida, liberdade

Hawzhin Baghali

*Socióloga do Centro de Estudos Turcos, Otomanos, Balcânicos e da Ásia Central
– CETOBaC da EHESS.*

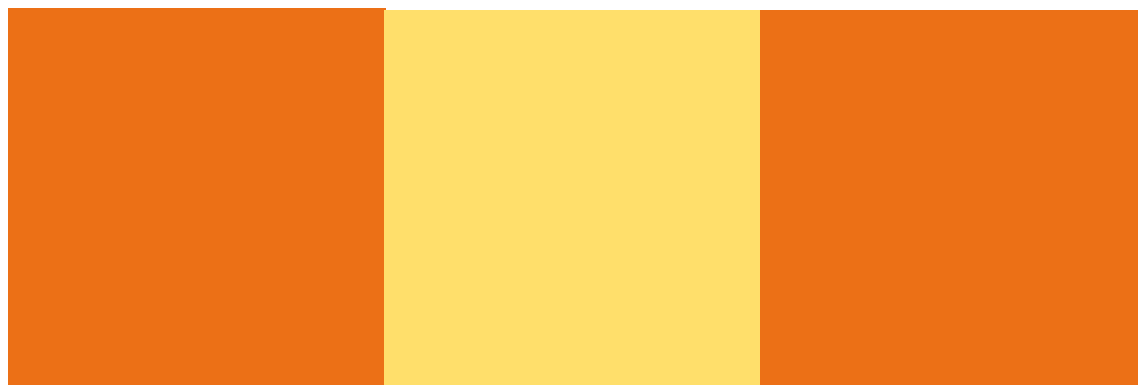
Chowra Makaremi

*Antropóloga e pesquisadora titular do Centro Nacional de Pesquisa Científica
(CNRS), Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales em Paris.*

Rezvan Zandieh

*Professora-pesquisadora (temporária) em estudos teatrais (Sorbonne Nouvelle),
artista feminista e atriz.*

Tradução Regina Teixeira



Multitudes : Masha Jian Amini, esta jovem de 22 anos morreu por causa do uso "inadequado" de seu véu. A mobilização imediata da população curda, à qual ela pertencia, gerou um movimento insurrecional, liderado por mulheres iranianas e acompanhado por homens iranianos, que se espalhou por todo o país. Como você explica essa explosão?

Hawzhin Baghali : É preciso lembrar o contexto de sublevação no Curdistão. No início da revolução islâmica, em 1979, no Curdistão, os partidos políticos eram contra o estabelecimento da República Islâmica no Irã. Essa oposição permaneceu como uma tradição entre os curdos. E não são apenas os partidos políticos, mas também organizações de ambientalistas, sindicatos de professores e trabalhadores, ativistas feministas, entre outras, e todas são muito dinâmicas. Há sete anos, formamos no Telegram um grupo de feministas curdas, e trabalhamos juntas, mulheres do Irã e da diáspora. Todo ano, no 1º de maio, os primeiros trabalhadores a serem presos são sempre os curdos. Da mesma forma, os primeiros professores a entrarem em greve são os que vivem em regiões curdas, especialmente em Saqqez, cidade natal de Mahsa. Os curdos são capazes de se mobilizar muito rapidamente. Quando o corpo de Mahsa chegou a Saqqez, sua família recusou-se a enterrá-lo como o governo havia determinado. Moradores de cidades próximas foram a Saqqez para impedir o enterro imediato de Mahsa e preparar uma grande cerimônia para o dia seguinte. E essas pessoas conseguiram impor sua vontade mesmo com a cidade cercada pela Guarda Revolucionária Islâmica. Ao longo da noite, ativistas, professores, ambientalistas, trabalhadores e outros grupos culturais se mobilizaram e prepararam discursos para o funeral.

Em Saqqez, o slogan "MULHER, VIDA, LIBERDADE" foi entoado durante o funeral de Mahsa Amini. O que não foi uma surpresa para nós, pois ele já havia sido cantado nas ruas em 2013 e 2014.

Chowra Makaremi : Você pode dizer exatamente onde ele surge?

Hawzhin : Não é possível dizer com precisão quem popularizou esse slogan ou quem o pronunciou pela primeira vez. Mas Ocalan¹ escreveu em 2005, na 4ª edição de seus Cadernos da Prisão, que não há libertação do povo sem a libertação das mulheres. Este slogan não nasceu de repente, ele acompanha a luta das mulheres do Curdistão na Turquia, que têm sido muito ativas desde 2000. Então o próprio Ocalan se inspirou no que estava acontecendo no movimento das mulheres. Em 2013, quando Sakine Cansiz Narjes (Sara) Fidan Dogân (Rojbîn) e Leyla Saylemez (Ronahî) foram assassinadas aqui em Paris, ouvimos o mesmo slogan nas ruas desta cidade, assim como em Koban e em Rojava. Mas, no Curdistão do Irã, foi mais entre 2014 e 2015. Acho que os iranianos o ouviram pela primeira vez em Sanandaj e depois na Universidade de Teerã.²

Chowra : E as mulheres tiraram os véus pela primeira vez juntas nestes funerais.

Rezvan Zandieh : Eu quero retomar outras formas de resistência feminista iraniana: um dos eventos mais marcantes e progressivos das lutas das mulheres remonta a 2018 e ganhou o nome de “Garotas da Revolução de Rua”. Foi uma resistência individual que rapidamente se tornou política. Este movimento começou com a atitude de Vida Movahed que subiu em uma caixa de distribuição elétrica e brandiu seu véu na ponta de um bastão. O mesmo gesto foi imitado por muitas outras jovens, mas, depois, também por homens e por mulheres com véu. Alguns meses depois explodiram os tumultos de 2019, inicialmente contra o alto custo de vida e o aumento do preço da gasolina, razões que depois ficaram em segundo plano. As manifestações assumiram uma escala sem

¹ A referência é a Abdullah Öcalan, teórico político de esquerda, curdo de nacionalidade turca, preso político, membro fundador do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (Partiya Karkêren Kurdistan - PKK) e idealizador do Confederalismo Democrático, que reivindica a unificação, independência e implantação do socialismo no Curdistão [NOTA DA TRADUÇÃO].

² Entre 9 e 10 de janeiro de 2013, Sakine Cansiz (co-fundadora do Partido dos Trabalhadores do Curdistão - PKK), Fidan Doğan e Leyla Şaylemez, três mulheres curdas ativistas, foram assassinadas à bala e seus corpos encontrados nas instalações do Centre d'Information sur le Kurdistan, em Paris [NOTA DA TRADUÇÃO].

precedentes, dado que todas as cidades do Irã foram afetadas, e foram violentamente reprimidas pelo regime que fez, pelo menos, 1.500 vítimas.³

A partir de 2019, outros movimentos feministas foram formados, notadamente o das Mães de Aban, que, por sua vez, é um renascimento do das Mães de Khavaran, que remonta à década de 1990. A tudo isso somou-se a raiva das famílias que perderam seus entes queridos no voo da companhia aérea da Ucrânia, abatido por mísseis da Guarda Revolucionária Islâmica em retaliação à morte de Ghassem Soleymani.⁴

Tampouco podemos omitir formas de resistência individual, como as Quartas-Feiras Brancas, quando as meninas tiravam seus véus (brancos) em recantos do espaço público e postavam suas fotos na internet. Este movimento foi batizado de "liberdades fugitivas" por iniciativa de Masih Alinejad.⁵

Podemos multiplicar os exemplos de rebelião, remontando a 8 de março de 1979, data da primeira manifestação de mulheres organizadas contra a República Islâmica e, mais particularmente, contra a obrigatoriedade do uso do véu.

Chowra : Eu acrescentarei outra imagem a este quadro: a de Sepideh Gholyan, com seus cabelos azuis e véu para trás, aplaudida e reconhecida como líder pelos jovens manifestantes do sexo masculino durante os tumultos de 2019. O movimento de 2019 começou exatamente da mesma maneira que o movimento dos coletes amarelos, como um protesto contra o alto custo de vida e um sentimento de sufoco. Os distúrbios foram ferozmente reprimidos (mais de 1.500 mortos em poucos dias). A classe média não estava solidária com essas revoltas dos jovens das classes populares, dos quais não se sabia o que queriam. Mas se olharmos para esse movimento à luz do que está acontecendo hoje,

³ Os referidos protestos começaram em outubro de 2019 por causa do aumento abrupto de 50% nos preços dos combustíveis, e evoluíram após o Governo do Irã admitir, em janeiro de 2020, que havia abatido, “por engano”, um avião de uma empresa aérea ucraniana, matando as 176 pessoas a bordo, das quais 82 eram iranianas, incluindo jovens estudantes. Os protestos gritaram “morte ao ditador”, aludindo ao líder supremo do Irã, Ali Khamenei, e exigiam um referendo para o país [NOTA DA TRADUÇÃO].

⁴ Comandante militar mais poderoso do Irã, morto por um ataque aéreo dos EUA no Iraque [NOTA DA TRADUÇÃO].

⁵ Jornalista iraniana-americana, escritora, ativista política e pelos direitos das mulheres [NOTA DA TRADUÇÃO].

veremos que a demanda por uma mudança de poder estava em germe. Não só a crise de 2019 não foi resolvida, como foi 'congelada' pela crise da covid, que tornou as coisas ainda piores. Portanto, há uma genealogia de lutas que mostra como as coisas se encadearam para chegar onde estamos hoje.

Sepideh Ghloyan é uma ativista, filha de uma sindicalista e feminista, que já foi presa várias vezes. Os movimentos sociais das classes populares e o movimento feminista hoje se unem. Essas lutas populares seriam da terceira geração de protestos. Ativistas do movimento operário, sindicalistas (professores e motoristas de transporte público) que têm a experiência de entrar e sair de prisões há 20 anos. Eles têm fundos de greve bem organizados, assim como grupos de Whatsapp e Telegram. Eles também estão em contato com sindicatos no exterior. É uma rede muito viva que está acostumada com a repressão. Isso para responder à pergunta recorrente hoje: como um movimento sem um líder pode se formar e seguir em frente. Mas além da questão do líder, temos que ver o que é a resistência orgânica. Esse movimento sindical do qual surgiu Sepideh Gholyan dura décadas, tem uma cultura de resistência.

Rezvan : Este movimento trabalhista obteve uma pequena vitória ao lograr impor suas reivindicações no quadro do movimento trabalhista Haft Tappeh contra a privatização da usina de açúcar.⁶

Chowra : É interessante notar que o setor açucareiro foi desestruturado pelas decisões de Ahmadi Nejad, que, ao mesmo tempo em que defendia um socialismo de fachada, dizimou a economia iraniana por meio de reformas neoliberais, incluindo a importação de açúcar asiático. A resistência dos trabalhadores é contra a política neoliberal do regime, mas também contra seu lado patriarcal. Houve também uma greve de professores que foi muito forte, muito mobilizadora. Falo do movimento sindical porque a questão da greve sem dúvida se colocará fortemente. Já está se colocando e assim continuará.

⁶ Haft Tappeh é a fábrica de açúcar mais antiga do Irã, privatizada em 2015. A partir de então, pioraram as condições de trabalho, assim como greves e manifestações obreiras por melhores salários e direitos [NOTA DA TRADUÇÃO].

Também devemos falar sobre o que aconteceu no Baluchistão, onde uma jovem foi estuprada por um policial. Em resposta, o fortíssimo protesto dos Baluchis foi reprimido de modo sangrento no dia 30 de setembro, em Zahedan: 91 pessoas foram assassinadas pela polícia, que atirou contra a multidão no final das orações de sexta-feira. Muitas pessoas morreram (falamos de "Bloody Friday" como falamos de "Black Friday", que foi o ponto de partida para a revolução de setembro de 1978). Apenas recebeu menos cobertura da mídia.

As incursões dos milicianos Basiji na Universidade Sharif em Teerã em 1º de outubro resultaram em tumultos bem maiores do que o massacre no Baluchistão. Lá, o regime exerce uma política de contrainsurgência ou antiterrorista. Aqui vemos a face militar da violência do Estado, enquanto em Teerã vemos a face do Estado pária, com agentes à paisana, milícias, centros de detenção secretos. Tudo isso é completamente ilegal. E configura as várias faces da repressão, faces que se articulam e, dependendo da situação ou do contexto, as lutas se deparam com uma ou outra face. Mas todas as lutas estão ligadas porque carregam a mesma demanda que é a demanda pela derrubada do regime. Esta é a novidade.

Multitudes : As mulheres tiram seus véus e descobrem os cabelos, dançam, cantam, riem, exibem-se, exercem todas as manifestações que lhes são proibidas. Podemos falar da aparição de corpos femininos no espaço público como fontes vivas da revolução?

Rezvan: Acho que se trata realmente de uma dimensão estética da resistência aparecendo nesses três quadros que acabamos de esboçar. Chowra destacou a aparência de Sepideh Gholyan. Eu guardei suas fotos e a vejo com os cabelos azuis, com batom e maquiagem, e roupas tradicionais e coloridas etc. A resistência da sociedade iraniana também se dá no campo estético. É preciso entender essa estética no sentido de busca de visibilidade.

O gesto das "Filles de la Rue Révolution" se multiplicou não só entre as meninas, mas se tornou um ícone da resistência feminina.

Além disso, devemos mencionar todas as criações artísticas que se seguiram a esse movimento de protesto. As obras de arte multiplicam-se: desenhos, canções, vídeos etc. O gesto de cortar o cabelo é muito inovador. Cortar os cabelos ou brandir o véu na ponta de bastões tornou-se uma performance que atesta o poder revolucionário das mulheres. Tudo é teatralizado. A dimensão artística é um meio de se exprimir contra a repressão sistemática do corpo feminino. O regime quer invisibilizar as mulheres com o uso obrigatório do véu que apaga, exclui a identidade ou a existência do corpo feminino. Mostrá-lo como estratégia de resistência vai justamente contra essa exclusão. Exclusão que chega a atingir a voz feminina, porque é proibido que as mulheres cantem em espaço público ou na frente de outras pessoas (salvo em um coro acompanhado por vozes masculinas). No primeiro vídeo lançado de Jina/Zhina, vemos ela dançando.

Chowra : Para mim, esta imagem de Zhina, uma mulher curda dançando, é a essência de “mulher, vida, liberdade”. Foi necessária a cultura curda para nos tirar do culto da morte do xiismo e entrar na vida como na dança. Os curdos têm uma dança para cada ocasião. Sem querer aqui fazer culturalismo, é óbvio que quando vemos Zhina dançar ou quando ouvimos música curda em uma manifestação, notamos de imediato algo diferente e que é da ordem da alegria que tem sido reprimida na cultura xiita.

Hawzhin : Existe uma expressão curda que diz que não podemos parar de dançar.

Chowra : Estou trabalhando com os arquivos visuais dos Peshmerga (Combatentes) do Komala (Partido Comunista Curdo) e vejo que eles dançam em todas as ocasiões: quando perdem uma batalha, quando ganham uma batalha, quando um camarada morre, quando alguém nasce.

Rezvan : A dança está ligada aos combates e às lutas dos curdos. A forma de dançar também é interessante porque não se trata de uma dança individual, mas coletiva. Eles

seguram as mãos ou os ombros um do outro. Esses movimentos lembram os gestos de combatentes e militantes. Assim dançando, eles formam um corpo coletivo.

E as cores usadas pelos curdos, de aparência muito artística, elas também são formas de resistência. Eu pessoalmente passei toda a minha vida escolar no Irã, e éramos obrigados a usar uniforme e lenço azul marinho ou preto na escola, até o uso de meias brancas era proibido. Roupas coloridas eram proibidas, todas. Chegávamos a ser humilhados por causa das nossas roupas.

Multitudes : A República Islâmica já demonstrou ser capaz de tolerar um hijab relaxado⁷ para se manter no poder. Você acha que esta dimensão estética pode permanecer radical sem cair na armadilha da República Islâmica? Desde que a revolta não atinja os fundamentos econômicos e políticos, os reformadores são capazes de salvar o regime ao adotar uma face moderada do Islã político.

Chowra : Eu me pergunto se o que você está apontando era verdade, mas acho que só até Raisi ser eleito.⁸ Porque há uma evolução da República Islâmica. Raisi, excepcionalmente, é o único presidente eleito com um número muito pequeno de eleitores. Habitualmente, o governo consegue levar as pessoas às urnas. Existe um pacto. Eles são astutos.

Lembro que fui votar em 2017 para o segundo mandato de Rouhani⁹ porque o candidato adversário era Raïssi, o carrasco dos massacres de 1988 e, principalmente, porque não queria que ele vencesse. Votei por lealdade à história da minha família.¹⁰ Meus amigos zombaram de mim, dizendo que eu era muito estúpida, que estava jogando o jogo deles, porque estava claro que o guia supremo tinha escolhido Raïssi só para as pessoas votarem em Rouhani. Há anos é assim. É como o capitalismo que absorve o protesto para se

⁷ É um véu usado ao redor da cabeça, cobrindo orelhas, pescoço e cabelo, e pode ser enrolado da forma que a mulher preferir [NOTA DA TRADUÇÃO].

⁸ Ebrahim Raisi é um político conservador e atual presidente do Irã desde 3 de agosto de 2021 [NOTA DA TRADUÇÃO].

⁹ Hassan Rouhani é um clérigo, político, diplomata e acadêmico iraniano que presidiu o país entre 2013 a 2021 [NOTA DA TRADUÇÃO].

¹⁰ Chowra Makaremi, *Les cahiers d'Aziz*, Paris, Gallimard, 2011.

fortalecer. Antes de Raisi, os Mullahs¹¹ sempre conseguiram obter uma grande legitimidade política graças ao voto popular, ainda que houvesse uma crescente contestação subterrânea. Com Raïssi, é a primeira vez que a legitimidade parece perder importância. Parece que eles não precisavam mais dela, e não sabemos por quê. Desistiram do jogo complicado de atrair as pessoas para as urnas e abrir o espaço público para que as pessoas debatam entre si e tenham a ilusão de liberdade política. As pessoas achavam que iam votar no menos ruim. Desta vez – e seria por causa do grande poder militar-segurança da região? – pensaram que talvez não houvesse necessidade da base popular. Qual seria a conexão entre os eventos atuais e a eleição de Raisi, que foi uma "não eleição"? Para mim, esta é uma lição política incrível: eles achavam que não precisavam mais da legitimidade e veja o que está acontecendo hoje.

Após a reeleição de Rouhani em 2017, houve uma cisão. Podemos nos questionar sobre este momento, que marca a decadência do reformismo. O fracasso político dos reformistas marcou o fim de sua hegemonia ideológica como força de oposição.

Rezvan : Qual a responsabilidade do próprio poder nessa ruptura do status quo e nesse ressurgimento da repressão? Raïsi instituiu o dia nacional do véu no Irã em 12 de julho e em 30 de julho houve as confissões forçadas na TV da jovem Sepideh Rashno. Após uma alteração no ônibus com uma mulher que a acusou de estar "vestida inadequadamente" e a filmou, ela foi presa. Alguns dias depois, ela reapareceu na TV com vestígios de espancamento, e foi forçada a confessar sua culpa.

Hawzhin: Na minha opinião, o poder entendeu que, depois do levante de 2017, obter novamente a legitimidade era impossível. 2017 é o ano da ruptura entre o povo e o regime, o que se reflete claramente no slogan cunhado pelos estudantes: "fundamentalistas reformistas, esta não é a nossa história".

Mas na verdade o poder nunca relaxou realmente, porque desde 2018 vimos o aumento da repressão contra as mulheres. A República Islâmica recuperou o poder ao tornar

¹¹ Título honorífico do clero muçulmano ou líder de uma Mesquita [NOTA DA TRADUÇÃO].

obrigatório o hijab, o que é uma forma de apropriação do corpo da mulher. O hijab tornou-se a principal preocupação do poder, o assunto favorito da mídia e da sociedade. O hijab é um pilar do regime islâmico. Mas isso não fez com que o governo recuperasse sua legitimidade.

Rezvan: É preciso também falar do "Gasht-é Esrhad",¹² o instituto da polícia moral. O véu é o elemento de controle ideológico da República Islâmica. Sem o véu este controle não pode existir. É através da captura do corpo feminino que o poder se exerce. Trabalhei na história da polícia moral. O véu distingue a República Islâmica do poder imperialista e colonial ocidental. Durante a guerra Irã-Iraque, o véu obrigatório assumiu uma forma ideológica e o poder foi reforçado. O que era obrigatório converteu-se na única norma, tornando-se a linha vermelha que distingue os anti-revolucionários dos revolucionários. Não pode ser suprimida porque é através dela que se realiza o controle dos corpos. Após a revolução, o "le mal voilé"¹³ tornou-se um conceito que destaca uma forma particular de feminilidade e valoriza o véu.

Crescemos neste sistema de violência física exercido pela polícia da moralidade, mas também por instituições, como as escolas e os meios de comunicação, que ensinavam que a mulher "normal" é a que usa mais véu e não menos. E quanto mais as mulheres se distanciavam dessas normas, mais se excluía do espaço público. As mulheres "mal cobertas" não podiam ocupar cargos públicos. O "mal voilé" só foi tolerado pelo poder enquanto este precisava de votos para ser legitimado, como disse Choraw.

Hawzhin: Antes do advento da República Islâmica, o véu completo não existia como símbolo do Islã. Talvez, em algumas cidades no centro do Irã, o véu completo fosse usado como tradição, mas na maioria das regiões do país ele não existia. Quando eu era pequena,

¹² As Gasht-e Ershad (Patrulhas de Orientação) são unidades policiais encarregadas de garantir o respeito à moral islâmica e deter pessoas que consideram estar "indevidamente" vestidas [NOTA DA TRADUÇÃO].

¹³ A expressão, aqui mantida no idioma original, significa usar um véu considerado não conforme à lei islâmica em vigor no Irã [NOTA DA TRADUÇÃO].

costumávamos chamá-lo de “chador Khomeini”.¹⁴ Para mostrar como o véu se tornou o símbolo político do Islã, cito o exemplo das mulheres islâmicas do Curdistão iraquiano que entrevistei. Disseram-me que nos anos 80 queriam usar o véu completo, mas não sabiam onde comprá-lo. Uma delas me disse que seu pai precisou ir a Bagdá para obtê-lo.

Rezvan: Contudo, não se pode dizer que as questões econômicas, as greves de trabalhadores e os levantes estudantis sejam desimportantes. Claro que importam. Por isso que o movimento não é um movimento de mulheres, mas um movimento feminista, inclusivo e interseccional.

Multitudes: Vemos em vídeos mulheres com véu vindo a manifestações contra o véu. Isso não seria a prova de uma vitória das mulheres contra o hijab e os ditames do governo?

Rezvan: Rezvan: vemos em manifestações mulheres vestidas com véu que queimam seus véus; numa outra imagem, duas mulheres, uma sem véu, outra com véu, são mostradas de costas e estão de mãos dadas. O que diz tudo!

Multitudes: Soubemos ontem que funcionários de indústrias petroquímicas estão em greve e se juntaram aos manifestantes, que o exército convencional estaria se distanciando da repressão, que veteranos próximos do Líder Supremo estariam manifestando seu desacordo em relação à segurança e repressão; e soubemos hoje que a prisão de Evin, onde estão os presos políticos, está queimando; amanhã...

17/10/2022

Entrevista feita por Behrang Pourhossseini e Gaëtane Lamarche Vadel

¹⁴ O xador ou chador é o manto, geralmente negro, que cobre todo o corpo das mulheres, com exceção do rosto [NOTA DA TRADUÇÃO].